

LAURA BRANDÃO SOLTANDO A VOZ NOS SALÕES LITERÁRIOS¹

MARIA ELENA BERNARDES

"**A**s Mudas do Passado"² é o título de um artigo da atriz dinamarquesa Iben Nagel Rasmussen no qual ela relata sua experiência quando recria os gestos da personagem Kattrin, a muda de Brecht³, e descobre que esta, apesar de muda, não é surda e não está isolada; está sempre em contato com o que acontece ao seu redor. E assim, diz ela, "a garota que vagabundeia sempre com seu tambor queria dizer algo e não podia". Foi então que descobriu que, na verdade, Kattrin falava, "mas com as mãos, o saltitar dos pés, com os sons".

ENTRE A NORMA E A TRANSGRESSÃO

Ao contrário de Kattrin, se algumas "mudas do passado" ousaram soltar a voz, elas tiveram que se fazer de "surdas" aos códigos normatizadores da moral vigente. Imagino que a poeta e militante comunista Laura da Fonseca e Silva - depois do casamento, Laura Brandão - tenha tido esta atitude para sobressair entre as mulheres suas contemporâneas. Filha de nordestinos que migraram para o Rio de Janeiro, Laura nasceu em 28 de agosto de 1891. Seu pai, Domingos, foi pedagogo, abolicionista e republicano na cidade do Recife. Como professor, viajava pelo Brasil abrindo escolas. Assim, Laura passou sua infância e adolescência migrando de um estado para outro e, desta

¹ Este artigo é uma versão modificada do primeiro e segundo capítulos da Dissertação de Mestrado. *A Invisibilidade Feminina na Política*, IFCH-UNICAMP, 1995, orientada pela Profa. Dra. Maria Clementina Pereira da Cunha.

² RASMUSSEN, I. N. "As mudas do passado", in *Scena*, n. 3/4. Milão, set. 1979.

³ BRECHT, Bertold. "Mãe Coragem", in *Teatro Completo*, V. VI. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

maneira, conheceu quase todo o Brasil. Sua mãe Jacinta, boa cozinheira e costureira, bordava com mãos de fada. Laura fora educada para, assim como a mãe, bordar, costurar, cuidar da casa, casar-se, ter filhos e exercer com distinção a carreira doméstica. No entanto, as atividades do pai despertavam-lhe um certo fascínio e, desde cedo, parecia espelhar-se nele. Com quatro anos de idade já sabia escrever e, aos dez, compunha pequenos jornais. Neles escrevia cartas, contos e os ilustrava com desenhos a tinta nanquim, distribuindo-os entre os membros da família e amigos.

Com a vida itinerante que viveu durante toda sua infância, não teve possibilidade de frequentar escola regularmente, mesmo porque, no início do século, quase não existiam escolas para meninas. Alfabetizou-se ouvindo as aulas nas escolas de seu pai.

Sua vida familiar fugia aos padrões da época. Vivia-se o ano de 1909. Aquele era um tempo em que, via de regra, as mulheres casavam-se e assim permaneciam até a viuvez. Mas, para Jacinta, o tempo de suas vivências particulares contavam mais. Com três filhos - Laura, Tercina e Bel - separa-se de Domingos. As verdadeiras razões nunca foram reveladas - pelo menos seus descendentes não registraram em suas memórias. Philippe Ariés observou que é difícil para o historiador interpretar o silêncio que reina sobre os vastos domínios da vida: ora ele significa a indiferença ou a ignorância, ora o pudor e o segredo. Existiam coisas que não se diziam: o amor conjugal era uma delas⁴. Talvez Jacinta tenha se cansado do espírito aventureiro de Domingos, ou o amor tivesse acabado, talvez incompatibilidade de gênios, ou ainda, quem sabe, outros amores! O que se sabe é que o casal se separou e Jacinta passou a ser a mantenedora da família, primeiro trabalhando como costureira, depois como dona de pensão.

Com os pais separados, num primeiro momento, Laura passou a viver, com a mãe e os dois irmãos, na casa do tio-avô, o Conselheiro Lourenço Cavalcanti de Albuquerque. A casa, cercada por árvores centenárias, estava situada à Rua Mauá 47, esquina da rua dos Junquilhos,

⁴ ARIÈS, Philippe. "O amor no casamento", in *Sexualidades ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 153-159.

em Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Laura, com dezoito anos de idade, não parecia preocupada com o que certamente mobilizava as moças de sua idade. Os padrões de comportamento do período ditavam que o ideal de toda moça deveria ser o casamento. Não casar, principalmente no caso da mulher, era tido como um insucesso. Antes fazer um mau casamento do que ficar solteirona era o lema. Longe disso, a preocupação de Laura era outra e parecia não acreditar no casamento e na maternidade como destino. Foi este o período de sua maior produção poética, além de estudar música e piano; é nesta época também que se firma como poeta e declamadora reconhecida nos salões elegantes do Rio de Janeiro.

Provavelmente influenciada pela poesia de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia - poetas que ela admirava e com quem mantinha relações próximas -, suas primeiras composições, editadas no livro *Poesias*, são vinculadas ao rigor Parnasiano. Daí por diante, distanciou-se do Parnasianismo, abandonou a métrica e seus versos ficaram soltos, menos objetivos, musicados, têm cor, cheiro, luz; próximos do Romantismo.

Sua visibilidade e prestígio enquanto poeta na sociedade letrada carioca não era, entretanto, acompanhada de uma remuneração que lhe garantisse o sustento - o que, aliás, acontecia com outros poetas e literatos renomados, que não conseguiam prover suas necessidades materiais com a literatura. O prestígio social dos homens de letras, no final do século XIX e início do século XX, nem sempre condizia com a condição econômica em que viviam⁵. Laura, com o poema "Entre Artistas", protestava de maneira poética:

*"Entre artistas não deve ser assim
Como na sociedade:
É preciso outras leis para esta gente
Que vive do que sente (...)*

⁵ Sobre a questão ver PEREIRA, Leonardo A.M. *O carnaval das letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

*para esta gente aflita,
Que, no meio de tanto horror, inda acredita
Na coragem, na Luz; (...)
E esta gente que luta e sofre e pensa, às vezes
Abandonando um pouco as coisas graves,
Procura a fantasia e canta como as aves (...)"*

Mas nem só de poesia se fazia a vida de Laura. Desde cedo dedicou-se ao professorado. Começou sua carreira de professora aos quatorze anos, lecionando em São Paulo, no Colégio de seu pai, onde respondia pela classe do Jardim da Infância. No Rio de Janeiro, nos anos de 1912 e 1913, lecionou no Instituto Amante da Instrução, situado à rua Ipiranga. Era um Instituto para crianças órfãs. De 1917 a 1919 lecionou no Instituto Lafayette, onde foi também diretora do Jardim da Infância. Este Instituto era uma ampla escola, situado à rua Conde de Bonfim 743, no bairro da Tijuca. Contava com seis modernos prédios, numa chácara de cem mil metros quadrados, toda arborizada, onde eram ministrados cursos de jardim da infância, primário e complementares.

O f e r e c i a ainda o curso Fundamental de seis anos que era organizado para preparar alunos para prestarem os exames perante as bancas examinadoras do Departamento Nacional de Ensino. Seu corpo docente era especializado, quase todos formados em Universidades e pela Escola Normal⁶. Em 1921 lecionou no Colégio Batista Americano/Brasileiro situado à rua Dr. José Hygio, 350, na Tijuca. Uma das práticas do magistério, no período, eram as aulas particulares. Laura ensinou filhos de famílias ilustres como, por exemplo, as netas de Benjamim Constant, um dos fundadores da República no Brasil. Ensinou também as netas do poeta Luís Murat. Na

⁶ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro - Anuário: 1919/1920 e *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 07.02.1929, p. 11.

função de preceptora, viajou para Paris com a família do escritor João Ribeiro, onde viveu em Saint-Claud, entre maio e agosto de 1912⁷.

Casou-se com o comunista Octávio Brandão em 1921, "sem padre e sem juiz". Para a época, sem dúvida, foi um atitude de coragem e rebeldia. Certamente foi uma crítica ao contrato de casamento e à posição anti-clerical defendida por ambos. Do casamento com Octávio teve quatro filhas: Sáttva (1922), Vólia (1923), Dionysa (1925) e Valná (1932). As três primeiras são brasileiras e a última nasceu em Moscou.

Após o casamento, aos poucos, Laura foi se distanciando da elite literária da qual fazia parte. Junto com Octávio envolveu-se com o mundo dos comunistas e trocou os salões literários pelas ruas, greves operárias, reuniões sindicais e a redação da jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do Partido Comunista Brasileiro. Sempre presente em comícios com "as filhas pelas mãos", sua participação mais relatada é a do episódio da Praça Mauá, no Rio de Janeiro, em 25 de maio de 1929, num comício organizado em solidariedade à greve dos gráficos em São Paulo, quando Laura, numa liderança ímpar, domina os soldados que avançavam contra os manifestantes.

Como militante de esquerda atuou ao lado do Partido Comunista Brasileiro, embora nunca tenha se filiado a ele. Com a militância vieram as prisões, a polícia na porta de sua casa acompanhando os passos de Octávio Brandão, a vida de privações a que foi submetida pela conjuntura política que o país vivia. Desde 1922 dedicou-se à literatura marxista e sua militância feminista se deu junto ao Comitê de Mulheres Trabalhadoras (1928), ligado ao Bloco Operário Camponês, do qual ela foi uma das fundadoras.

Deportada pelo Governo Getúlio Vargas, em 1931 parte para o exílio com a família. Os dez anos vividos em Moscou foram mais que suficientes para que ela experimentasse as dificuldades enfrentadas por

⁷ BRANDÃO, Octávio. *A imagem de Laura Brandão*. Fundo Octávio Brandão, Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/UNICAMP, Pasta 120, p. 19, mimeo; *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 30.01.1955.

um país que se organizava em torno de uma perspectiva socialista, na qual Laura via também as possibilidades de uma nova vida. Seu trabalho durante quatro anos como redatora e locutora na Rádio de Moscou e as condições de trabalho que o país oferecia às mulheres devolveram a ela a possibilidade de viver sem abdicar ou hierarquizar as coisas que lhe eram importantes: a família, a luta pela igualdade social, a liberdade, a poesia e o amor. Juntava, finalmente, as pontas de sua vida que por vezes havia ficado tão quebrada.

No entanto, viveu uma grande contradição: se, de um lado, ela reconhecia em Stalin um grande líder que foi capaz de enfrentar Hitler, de outro, não suportava presenciar o terror causado por ele com a perseguição, prisão e fuzilamento de tantos companheiros. Vivenciou a segregação da família imposta pela guerra, adoeceu e morreu em 28 de janeiro de 1942, em Ufá-URSS, longe dos amigos, da família e do Brasil.

2. CONTRARIANDO AS NORMAS, EM BUSCA DA VISIBILIDADE

No começo deste século, as normas de comportamento já não eram centradas no enclausuramento, como era o caso da mulher do século XIX descrita por Jurandir Freire Costa, que só saía às ruas nas raras situações rigidamente previstas de "passeios com a família por ocasião das festas públicas e obrigações religiosas"⁸. A nova mulher urbana de classe alta deveria adequar-se ao novo padrão de comportamento. "A mulher de posse deveria saber receber as visitas do marido, estar presente à mesa e às conversações ... abandonando seus hábitos e europeizando seu corpo, seus vestidos e seus modos"⁹. As novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial do país solicitavam a presença destas mulheres no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros e cafés. A mudança de hábitos

⁸ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1977, p. 119.

⁹ Idem, *ibidem*.

femininos estimulou-as a maiores cuidados com a aparência. Entretanto, a primeira e primordial necessidade continuava sendo cuidar dos filhos e da família.

A socialização dar-se-ia em reuniões privadas, como bailes, teatros, jantares e recepções. O passeio pelas ruas no começo do século começou a ser permitido, mas obedecendo a um certo código social. O relógio da confeitaria Colombo marcava o compasso deste código - onde duas imagens de mulher se revezavam - estabelecido de acordo com uma tácita escala de horários, para que lá pudessem tranqüilamente tomar o seu chá¹⁰, assim retratado pelo cronista Luís Edmundo:

*"Até às cinco da tarde as famílias imperavam. De repente, olhando o relógio do fundo, começa o êxodo em massa. E todos, quase ao mesmo tempo, o que muito impressiona os que desconhecem os detalhes curiosos da vida dessa casa. Mutaçãõ do cenário na confeitaria. Vão chegando as 'madamas', os 'coronéis', os 'caetetus'. Olha -se o relógio - cinco e meia."*¹¹

Não só a Colombo, mas também a confeitaria Paschoal, situada à Rua do Ouvidor, tinha horários determinados para os seus frequentadores. De uma às três horas eram os homens de letras; de três às quatro horas, era a vez das famílias; das cinco às sete horas, das *cocottes* que lá iam exibir as suas *toilettes* e as cintilantes jóias que possuíam.

Este padrão que normatizava as regras que a mulher honesta deveria seguir, não condizia com a realidade das mulheres que precisavam trabalhar. Elas iam às ruas sozinhas e em horários não permitidos. Laura, por sua vez, experimentava no dia-a-dia esta contradição. Frequentava salões sofisticados, vivenciava padrões de sociabilidade da elite - onde

¹⁰ Ver ESTEVES, Marta. *Meninas perdidas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, p. 43.

¹¹ EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro de meu tempo*. V.1. Rio de Janeiro, Conquista, 1957, p. 605.

a mulher ficava em casa e circulava em espaços delimitados e legitimados pelos códigos da moral vigente - mas, durante o dia, saía às ruas sozinha para ir ao trabalho para garantir, junto com a mãe, o sustento da família, situação que não combinava com o padrão do papel feminino ideal¹².

Vivenciando o duplo papel que sua condição de poeta reconhecida nos salões literários e de mulher trabalhadora impunham-lhe, Laura, ao que parece, não estava muito preocupada com os códigos ditados pela moral vigente. O primeiro indício era que ela tinha vinte e um anos e ainda estava solteira; longe das normas da "conveniência", recebia em sua casa e era recebida pelos seus amigos, inclusive em encontros a sós, não apenas em ocasiões sociais. Estes encontros intimistas quase sempre eram celebrados para compartilhar experiências artísticas. Em 1912, por exemplo, o pintor Antônio Parreiras convidou-a para o visitar em seu atelier situado à Rua Tiradentes 47, em Niterói. Escreveu a ela o seguinte bilhete:

*"Saudações respeitosas: Na segunda-feira e na terça-feira da próxima semana estarei em casa, a fim de mostrar-lhe os meus borrões. Muito grato pelo prazer de sua visita ficaria. O respeitoso servo e admirador"*¹³.

Laura, de maneira silenciosa, subvertia a ordem estabelecida e defendia a independência da mulher que conquistava sua liberdade enquanto cidadã. E, em versos, atestava:

*"Não há nada mais digno de respeito
que a independência na mulher que é pura."*

O ambiente literário que estava vivendo propiciava-lhe encontros com pessoas que aguçavam a sua sensibilidade artística. Organizava

¹² Sobre a questão, ver ESTEVES, Marta. *Op. cit.*, p. 43-53.

¹³ Bilhete manuscrito e assinado por Antonio Parreiras em 31 de maio de 1912. Fundo Octávio Brandão, Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/UNICAMP (Parte 2).

reuniões sociais e usufruía ao máximo da companhia dos artistas que freqüentavam a casa do Conselheiro, como o compositor Glauco Velasquez, o poeta Hermes Fontes, o artista plástico Antônio Parreiras, o poeta e escritor Olavo Bilac, a pintora Tarsila do Amaral, a violinista Paulina D'Ambrósio e a poeta Júlia Cortines. Glauco Velasquez, freqüentador assíduo da casa, buscava inspiração em Laura para compor suas peças para piano.

*"Laura, aparentemente irreal, (...) pairava acima de nós, arrebatada no vôo de sua poesia (...) sempre vestia-se de branco como se trouxesse sobre os ombros uma alva túnica; vivia entre nós, qual a própria fraternidade, bela e serena, justa e profética, a dizer-nos verdades, apontando-nos, sem impor, o caminho."*¹⁴

Ela tinha pelo compositor uma grande amizade e o confortou - moral e intelectualmente - até os seus últimos dias, quando morreu, em 1914, aos trinta anos de idade¹⁵.

¹⁴ Conforme depoimento de Emilie Kamprad, Fundo Octávio Brandão, AEL/IFCH/ UNICAMP, Pasta 123.

¹⁵ Glauco Velasquez (...) (1884-1914), (...) foi um artista, fundamentalmente, mas de um romantismo tão exacerbado que muitas de suas obras são espantosamente inovadoras, moderníssimas para a época. Vivendo em um ambiente cultural nada cosmopolita, foi um exemplo raro de uma dessas sensibilidades privilegiadas - antenas voltadas para o futuro da arte. A história particular de Glauco foi bastante triste. Nascido no Sul da Itália, veio ainda menino para o Brasil, onde foi "adotado" por sua própria mãe- uma senhora da sociedade do Rio de Janeiro que, por ser solteira, nunca conseguiu contar ao filho algo a respeito da sua real condição. (...) o rapaz "adotado" revelou um talento precoce que perturbou os professores do conservatório. Produziu intensamente durante apenas 10 anos, morrendo tuberculoso aos 30 anos. A trajetória de G. V. foi curta e trás as marcas do inacabado. O que conseguiu nos deixar de suas canções, obras para pequenos conjuntos e para piano - tudo febrilmente adorado em seu tempo, mas rapidamente esquecido após a sua morte - leva-nos, no entanto, a afirmar: é preciso conhecer a sua música com urgência, mesmo que com meio século de atraso". Conforme crítica de J. J. Morasi (crítico do Jornal da Tarde e Professor na Universidade de São Paulo) no disco: O Piano Inédito de Glauco, intérprete: Clara Sverner - London, Odeon, 1977.

Dedicou a ele seu poema "Noite de Artista", publicado em seu primeiro livro, em 1915:

*"Noite irmã do Silêncio, Noite amiga
Cuja luz é mais calma sem mormaço
Em que o corpo repousa da fadiga,
E a grande mente busca o grande Espaço*

*Oh! Noite! é no teu seio que se abriga
Quem medita, fugindo ao mundo escasso,
Depois, flores da aurora, aos frutos, liga
Da idéia germinada em teu regaço!
Tal a Noite, sem trevas e sem frio,
Um pouco primavera, um pouco estio
Artista, no teu sono, que irradia!*

*Cenário dos projetos mais risonhos,
Que das tantas estrelas, quantos sonhos
- Noite tão clara que parece dia!"*

Os salões na *Belle Époque*¹⁶ muito se assemelhavam aos salões do Segundo Reinado. Eles ajudaram a manter, como antes, os relacionamentos convenientemente personalizados, da mesma forma que serviam como interseção dos círculos de um mundo muito restrito, onde os valores europeus determinavam os passatempos. As reuniões seguiam, em geral, um padrão comum. Os salões distinguiram-se das festas e recepções sociais por sua repetição regular em determinado dia da semana, todas as semanas, a cada quinze dias ou mensalmente. O anfitrião e sua mulher preparavam um jantar íntimo para um grupo selecionado de amigos e conhecidos. Em seguida, o círculo mais amplo de convidados

¹⁶ Sobre os Salões na *Belle Époque* acompanho aqui interpretações como as de NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo, Cia. das Letras, 1993, p. 106-142.

chegava e se dava início a uma variedade de passatempos refinados: música de câmara, seleções operísticas, declamação de poesia ou ainda representação rápida de um trecho de peça de teatro. Danças, jogos de cartas e conversas requintadas ajudavam a compor o ambiente. Era uma oportunidade para as mulheres exibirem seus vestidos importados. Os homens usavam sobrecasacas formais de noite. Em geral, as declamadoras ou cantoras eram jovens solteiras pertencentes à família do anfitrião ou dos convidados. Tais dotes faziam parte da formação de uma moça bem-nascida.

Laura frequentava os salões e promovia recitais de poesia. Foi uma declamadora apreciada. Intérprete de Castro Alves, recitava também suas poesias e as dos amigos poetas. Olavo Bilac era rigoroso com quem recitava os seus versos. Dizia: "*tenho vontade de meter-me embaixo da mesa quando, numa sala, alguém diz que uma moça vai recitar versos meus*". No entanto, referindo-se a ela numa reunião literária na casa de Coelho Neto, disse: "*ouvir Laura é ouvir a própria poesia*"¹⁷. Ainda neste período, na casa de Rui Barbosa - um dos mais requintados salões cariocas, o que conferia maior prestígio aos seus frequentadores -, Laura recitou, em 1914, o seu poema "Feiticismo". Rui, admirado, disse: "*podia ter sido escrito por um homem de 35 anos*"¹⁸. O nosso ilustre publicista denunciava-se com seu estranhamento vendo uma mulher, e ainda tão jovem, roubando a cena dos homens de letras. Laura dedicou a ele o poema referido, quando publicou seu primeiro livro, em 1915:

*"Morreu agora mesmo, de repente,
Aquela
Árvore: a seiva ainda está quente.*

*Em homenagem à memória
Dela,
quero contar-te de relance*

¹⁷ BRANDÃO, O. *Op. cit.*, Pasta 120, p. 60.

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 64.

Sua passada vida (...)

*Foi naquele barranco árido, ao vir da noite,
Uma semente sepultou-se viva*

(...)

*Abrigando-a não quis tomá-la por cativa,
Mas, cativo quis ser do seu agrado."*

As lisonjas dos admiradores aparentemente não a perturbavam, mas, uma dia, as de Hemes Fontes¹⁹ tocaram-lhe o coração e Laura passa a viver um grande e secreto amor não correspondido. Amargurada, confessa à amiga Emilie Kamprad: "*o grande poeta, surdo, apenas me coloca na frente a coroa de irmã*"²⁰. "Acenos e Sorrisos" revela o desejo e, ao mesmo tempo, o sentimento de frustração que ela experimentava pela paixão não correspondida:

"Vêm dos lábios os beijos e os sorrisos.

¹⁹ Hermes Fontes bacharelou-se em direito em 1911 pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Lançou as *Apoteoses e assim se consagrou* um dos melhores poetas brasileiros da época. Foi redator das revistas *Careta* e *Fon-Fon* e do jornal *Diário de Notícias*. Colaborou nos periódicos: *Tribuna*, *Imprensa*, *Atlântida*, *Brasil-Revista*, *Folha do Dia*, *Revista das Revistas*, entre outros. Funcionário concursado dos correios, exerceu várias comissões, dentre elas a de Oficial de Gabinete do Ministro da Viação. Sua vida não foi, todavia, feliz. Sofreu decepções e amarguras. Por cinco vezes tentou a Academia Brasileira de Letras e não conseguiu eleger-se. Em 1930, devido à Revolução, viu desfeito o sonho de tornar-se deputado e, tendo servido ao governo caído, foi alvo de humilhações. Sofreu a dor de um lar desfeito e a traição de pessoas amigas. Conforme *Dicionário Literário Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1978 e *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Vol. 1. Ministério da Educação/FAE, 1989.

²⁰ Conforme depoimento de Emilie Kamprad, Fundo Octávio Brandão, AEL/IFCH/UNICAMP, Pasta 123.

*Quem não pode beijar, sorri, ao menos;
Quem não pode abraçar, ergue, em acenos,
O braço, em gestos vagos, indecisos...*

(...)

*Porque me acenas, penso que me abraças,
E porque me sorris, eu tremo toda,
Tenho a impressão de que me estás beijando..."*

Do poeta que, ao que parece, permaneceu surdo ao amor de Laura, os indícios encontrados constam de três simples e discretos bilhetes²¹:

"Que o ano novo de 1912 outra coisa não ouse no mundo da espiritualidade: realizar todo bem, toda a felicidade da Laura."

No segundo, sem data:

"Agradeço muito as suas felicitações e sirvo-me do ensejo para retribuir, desejando-lhe tranqüilidade, bem estar e as muitas glórias a quem tem direito a sua laureada alma de sonhadora."

O terceiro, no aniversário de Laura e também dele:

"Deus inspire a grande poetiza e lhe dê largos anos de glória viço e graça."²²

²¹ Os originais das cartas citadas daqui em diante, enviadas a Laura por poetas, escritores e críticos, fazem parte do acervo que estava em Moscou e chegou ao AEL em agosto de 1995.

²² Cartas manuscritas assinadas por Hermes Fontes em 01 de janeiro de 1912, sem data e 19 de agosto de 1914, respectivamente, no Rio de Janeiro.

Laura, em versos, lamentava o fracasso amoroso com o poema "Pobre de mim", publicado no primeiro livro, em 1915:

*"Pobre de mim que tenho esperanças ainda:
Que não sei esconder a alegria, o alvoroço,
Quando te encontro, quando esta saudade finda*

*Converso atentamente e finjo que não te ouço
Para te ouvir de novo... E quem me vê folgando
Contigo, pensa que és o meu irmão mais moço...
Que grato interromper a voz de quando em quando,
Depois dizer que a Tarde ou que a Aurora está linda...
E achar mais lindo o Amor, e rir de um modo brando...
Pobre de mim que tenho esperanças ainda...!"*

O poema "Sonata Bohemia", publicado no mesmo livro, em 1915, traduz sua admiração pela poesia de Hermes Fontes e, com leveza, mais uma vez, declara sua paixão ao poeta:

*"Eu levo a vida no maior desleixo:
Quando mais sofro mais ainda canto
Não suplico, não choro, não me queixo.*

*Que importa que ela amargue e doa tanto?
Que adianta blasfemar por que há pesares?
Mais vale, neles procurar encanto*

(...)

*Se os versos teus, depois dos meus, declamo,
A quem quanto aos autores, vive a esmo,
Falo, ouvindo lisonjas :
Esta poesia é d'ele, não é minha.
E crendo que elas se confundem mesmo -
Eu me julgo, dos astros, a Rainha!"*



Laura Brandão, 1915. Fundo Octávio Brandão. Banco de Imagens/AEL/UNICAMP.

Ao que parece, restava-lhe apenas o consolo dos encontros poéticos. E nos avessos da vida, mais de duas décadas depois, Laura passeava pela rua do Ouvidor e os dois poetas já maduros se encontraram. Hermes Fontes estava então com quarenta e dois anos de idade e uma vida literária consagrada pela crítica. No entanto, infeliz no casamento, já havia se separado. Laura, com três filhas, tinha uma longa história para contar: sua vida de casada, com o comunista Octávio Brandão, diferentemente da dele, era de muita paixão, embora atormentada pela perseguição política - sobretudo de Octávio, que ora estava preso, ora na clandestinidade -, agravada pelas dificuldades financeiras que a família enfrentava. Ouvindo sua história, Hermes Fontes observou: "*você continua uma criatura forte!*" Dois dias depois, na noite de 25 de dezembro de 1930, o poeta suicidou-se com um tiro de revólver²³.

Amores frustrados não impediram que Laura construísse seu espaço de poeta ao lado dos homens de letras. Recebeu, através de carta, os aplausos de poetas, escritores, pintores, intelectuais e, com muitos deles, parece ter mantido relacionamento próximo. Dando mostra de que a considerava uma de seus pares, Alberto de Oliveira - poeta parnasiano contemporâneo de Bilac - escreveu-lhe comentando seu primeiro livro:

*"Distinta colega, li todo o seu livro e em parte releio agora, e é natural haver umas tantas composições superiores às demais. Ficou-me da obra a melhor impressão. (...) Entre os mais estimulantes volumes de minha estante, guardarei este (...) com os meus aplausos."*²⁴

Os literatos, acostumados com seus iguais, resistiam em reconhecer, num mundo em que só homens reinavam, que as mulheres também pudessem mostrar o seu talento literário. Júlia Lopes de Almeida, casada com Filinto de Almeida, era uma romancista de sucesso por seu próprio

²³ BRANDÃO, O. *Op. cit.*, pasta 120, p. 61-62.

²⁴ Carta manuscrita, assinada por Alberto de Oliveira em 28 de Junho de 1915 no Rio de Janeiro.

mérito, e que na década de oitenta do século XIX impôs-se na República das letras; não era reconhecida por alguns como uma literata, como eles. Portanto, o reconhecimento de Alberto de Oliveira, dirigindo-se a Laura como "minha distinta colega", atribuindo-lhe o *status* de igualdade, parece evidenciar o reconhecimento e respeito conquistados por ela.

No entanto, a controvérsia a respeito do lugar ocupado por Laura na literatura portanto, na vida pública-ia além dos seus pares masculinos. A prima Gilka, filha do Conselheiro Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, não concordava com os caminhos trilhados pela poeta. Tocar piano como toda moça bem nascida e declamar nos salões eram méritos, mas, escrever poemas, fábulas provocadoras e, ainda, publicá-los, não lhe parecia adequado para uma moça que, além do mais, morava em sua casa e contava com a proteção de seu pai. Laura, por causa destas desavenças com a prima e não conseguindo que ela compreendesse sua posição, escreveu a José Oiticica, anarquista, escritor e catedrático do Colégio Pedro II, quando este estava de viagem de férias no Recife, pedindo-lhe que escrevesse sobre o assunto para que a discussão tomasse outra proporção. Oiticica respondeu, prometendo escrever um artigo a respeito e encorajou-a: "*deves ter orgulho de ser mulher e poeta*"²⁵.

Felizmente, outras mulheres faziam coro com a voz de Laura, e não só a reconheciam como também sabiam, pela suas próprias vivências, o que significava o espaço conquistado por elas no mundo das letras, das artes, etc. Júlia Lopes, em quem Laura se espelhava pelo talento e coragem, escreveu a ela:

*"Um grande beijo pelo seu lindo soneto e toda a minha alma agradecida. No paralelo que fizera entre nós duas caberá à poeta a supremacia e isso se conhecerá quando tiveres a minha idade e gasto as energias que eu tenho espalhado muito desorientadamente, o que desejo que lhe não aconteça. Guardo os seus versos com muito carinho. Toda sua. Júlia."*²⁶

²⁵ Carta manuscrita, assinada por José Oiticica em 8 de fevereiro de 1916, em Recife.

²⁶ Carta manuscrita, assinada por Júlia Lopes em 1916, no Rio de Janeiro.

Júlia Cortines, outra poeta contemporânea de Laura, também mantinha com ela relações de amizade e trocavam experiências do ofício que as duas abraçaram²⁷.

Do mesmo modo, a pintora Tarsila do Amaral, que fazia parte de suas relações pessoais, escreveu de São Paulo contando as novidades de seu ofício de pintora e feliz por estar "mais familiarizada com a pintura a óleo". Faz planos junto com Domingos, pai de Laura - que naquele momento morava em São Paulo -, no sentido de preparar um recital da amiga poeta na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo:

*"(...) Mais tarde, recebi uma pessoa a ti muito querida e aos desta casa muito simpática: teu pai, sempre amável, com aquele habitual sorriso de bondade (...). Falamos muito a teu respeito e nos lembramos de que uma "Hora Literária", na qual colaborasses com Albertina Bereta, causaria em São Paulo ótima impressão. Que tal a idéia? Ainda não me dirigi, para esse fim, aos diretores da Sociedade de Cultura Artística, o que farei brevemente. (...) Dei as tuas saudades aos quadros, aos bustos, ao espelho branco - ao Templo de Arte. Ali os teus versos, com tanta alma recitados, vibram ainda imperceptivelmente, canta a tua voz, cantam teus pensamentos, geme a tua santa saudade e fulgem as tuas lágrimas benditas. Devo-te muito. Quanta riqueza me deixaste! Adeus, minhas recomendações a sua querida mãe. A ti um apertado abraço meu.*²⁸

Tarsila, além de amiga e admiradora da poeta, também admirou sua beleza! Envolvida pelos encantos que a amiga despertava, desenhou um retrato de Laura.

Teve igualmente prestígio confirmado pela academia: o filólogo e historiador João Ribeiro, em 1912, na direção do *Almanaque Brasileiro*

²⁷ Conforme carta manuscrita, assinada por Júlia Cortines em 1916, no Rio de Janeiro.

²⁸ Carta manuscrita, assinada por Tarsila do Amaral em 19 de Fevereiro de 1919, em São Paulo.

Garnier, publicou dois poemas de Laura: o soneto "Voz da Razão", em junho; e "Sonata Bohemia", em novembro. Os poemas são precedidos de uma nota introdutória que diz:

*"Laura da Fonseca e Silva - é o nome de uma gentil poeta, cujos versos encantadores começam agora a ser divulgados pela imprensa. Desejamos chamar a atenção dos nossos poetas tão numerosos em todo o Brasil que ainda desconhecem o nome da poeta que com seguras esperanças promete ocupar com destaque um dos lugares mais distintos no meio intelectual, ao lado de Júlia Cortines e outras poetas que legitimam o orgulho de seu sexo. Laura Silva, nos seus vinte anos, tem já escrito numerosas produções ainda inéditas, apenas ouvidas de íntimos que tanto admiram a arte imitável com que as recita."*²⁹

Na revista número 21 do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, publicada em 31 de dezembro de 1915, Laura foi homenageada com a publicação de sua foto com a seguinte legenda:

"Da poeta d'O Espelho, pessoalmente sabemos muito pouco (...). Literariamente vale pelo talento estético. (...) atribuímos a ela um posto distinto, entre as melhores cultoras de verso no Brasil."

Agradecendo a oferta que Laura fez de seu livro *Poesia* ao Centro de Ciências, Letras e Artes, seu então diretor, o escritor Alberto de Faria, escreveu-lhe revelando a dificuldade em aceitar a idéia da poesia feminina como coisa séria:

²⁹ *Correio da Manhã*. 16.02.1964.

*"Os vossos versos são bem versos de moça, pela pureza do sentimento e pelo recato da graça: prefiro-os a outros de maior vibração, exatamente porque os vossos posso comunicar às minhas filhas."*³⁰

Mas não era este o único registro possível. Andrade Muricy, bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, além do magistério exercido na Escola Superior do Comércio e no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, colaborava nos jornais *A Folha* e *A Tribuna*, no Rio de Janeiro, nos quais fazia crítica literária e musical; igualmente nas revistas *América Latina* e *A Festa* que, com Tasso da Silveira, fundou e dirigiu. Redator e crítico musical do *Jornal do Comércio*, foi ainda diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e membro da Academia Paranaense de Letras. Publicou uma longa crítica a respeito da poesia de Laura no livro *Alguns Poetas Novos* na qual dizia:

*"Difícilmente o crítico poderá apontar os caracteres íntimos. Além disso, os seus característicos espirituais são múltiplos e talvez ainda incertos. Alguns deles apresentam-se numa simplicidade adorável, outros arrogantes, muitos elevados a altitude já notável de arrebatamento e inspiração. Talento bem moderno pela capacidade receptiva inteligente da existência contemporânea. (...) o característico predominante em dona Laura da Fonseca e Silva é a tendência para o pensamento, para a poesia meditativa, em tom singular e concentrado (...) a força espiritual é notável. (...) A força de suas composições levam-nos à convicção de que suas possibilidades artísticas são muito vastas e muito promissoras..."*³¹

³⁰ Carta manuscrita, assinada por Alberto Faria em 25 de maio de 1916, em Campinas-SP.

³¹ MURICY, Andrade. *Alguns poetas novos*. Rio de Janeiro, Carmo, 1918, P. 21-27. Ver também artigo de Emilie Carréa Guerra no *Imprensa Popular* de 30 de janeiro de 1955.

Apesar destas exceções, o estranhamento dá o tom principal às apreciações críticas sobre o trabalho de Laura. Outro crítico, Nestor Victor, considerado, segundo Raimundo de Menezes, um dos maiores críticos de literatura no Brasil³², escreveu-lhe duas longas cartas, onde fez minuciosas observações sobre sua produção poética:

" (...) *Poesia e Imaginação são como dois diários íntimos, escandalosamente francos, na castidade nunca desmentida das suas expressões artísticas. E quem veja seus livros assim como os vejo, em tudo os verá perfeitos (...). São duas obras essencialmente femininas de uma quase criança, tão comovedora quanto admirável. Do ponto de vista do espírito, és precursora, por enquanto, do que serão, decerto, as nossas moças amanhã quando estas puderem corresponder-lhe em luzes e coragem intelectual. (...) e para expressar-lhe o meu apreço e minha admiração, com os votos que faço para que continue a compor versos, ao que raramente se deve incentivar uma mulher. Serenidade não me deu a impressão que de seu título se podia esperar. Em seu conjunto, pelo contrário, é um livro doloroso, pungente, intimamente desordenado, falta de equilíbrio, mesmo, como Imaginação e Poesia não são (...). É um livro que, até nas suas alegrias e trivialidades, reflete uma fase da vida verdadeiramente convulsiva, tão própria da mocidade. Todos nós, os muito sensíveis, atravessamos essas quadras, que na ocasião parece que vão nos matar. Elas não matam, fecundam-nos, quando somos fortes.*

³² Foi também professor e vice-diretor do Instituto do Ginásio Nacional, depois Colégio Pedro II, e da Escola Superior do Comércio. Morando em Paris, em 1901, foi correspondente de *O País* e do *Correio Paulistano*. Tradutor e revisor, trabalhou para a *Livraria Garnier*, para a qual traduziu *La sagesse et la destinée*, de Maeterlinck. Colaborou no *Correio da Manhã* e foi crítico literário do jornal *O Globo* desde sua fundação, em 1926. MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1978, p. 708.

Confio que a senhora mostrará que o é. Do seu grande talento é lícito ainda esperar-se muito. Meias Dúzias de Fábulas antes de vir à luz ninguém imaginaria que em sua natureza até aí tão normalmente feminina e de um feminismo tão brasileiro, estivesse a coragem e a crueza de manejar a sátira com o talento, com que nele a senhora o fez. Neste livro de agora quero destacar o soneto 'Vão Todos':

*'Recatadas meninas dançadeiras
De jongo e tango em fulgidos salões
Nobres velhas, alcoviteiras
Destas meninas e de rapagões*

(...)

*Jornalistas anônimos, capazes
De fazer guerra e de fazer as pazes
Por qualquer soma abaixo de chinfrim*

*Calunias quem é pura e vos desgosta
Não me dou a desonra da resposta
- Mando Cambronne responder por mim'*

Infelizmente, dir-lhe-ei com franqueza, tal evolução se afigura muito ingrata ao meu senso estético, produzindo-se numa natureza de mulher. Eu preferiria muito mais que a senhora encontrasse em si outros recursos para manter o seu tônus vital, que não esses, tão inexoráveis, tão aberrantes do seu sexo. Sempre seu sincero admirador e amigo."³³

O comportamento titubeante dos pares em aceitá-la, ao que parece, não a intimidava. Em "Variações da Lua", um de seus mais expressivos

³³ Trechos de cartas manuscritas, assinadas por Nestor Victor em dezembro de 1916 e em 10 de dezembro de 1918, no Rio de Janeiro.

poemas, que emocionava mesmo depois da "*Ballade a la Lune*", de Musset, e do "*Lenilúnio*", de Raimundo Corrêa, na opinião de Andrade Muricy, Laura expressava seu ideal de independência enquanto poeta e mulher; mas não se iludia, pois sabia que o seu destino era transgredir as regras estabelecidas, pois o cotidiano, com seus códigos normatizadores da moral, apagava a luz daquelas que ousavam brilhar por seu próprio mérito:

*"Vagando e divagando devagar,
A Lua pelo Espaço amplo navega
A compor, a sorrir, a idealizar..."*

*Pobre Lua, que a um sonho vão se entrega:
Sonha que tem luz própria, independente
- Pensa que é Estrela-Guia a Lua cega*

(...)

*Vagando e divagando devagar
navega pelo Espaço fora a Lua
Como se navegasse em pleno Mar.*

*Vai girando, e parece que desliga,
A sofrer, a sorrir, a serenar,
Na alta missão de Apóstola-Poetisa,*

Vagando e divagando devagar..."

Logo após o seu casamento, em 1921, realizou-se no salão da Biblioteca Nacional uma homenagem à memória de Castro Alves. Entre os convidados estavam os escritores e artistas da época. Laura foi convidada a recitar uma poesia do homenageado. Segundo a lembrança de Octávio Brandão,

"Laura chegou toda de branco, os longos cabelos negros envolvendo a frente como um laurel. Subiu o estrado para recitar.

*Seu rosto ficou todo iluminado. Transfigurou-se. Os olhos brilharam cheios de vida, de emoção e lirismo. No silêncio profundo, as estrofes imortais do fragmento sobre a cachoeira de Paulo Afonso foram rolando como uma catarata de harmonias... ."*³⁴

Apesar do reconhecimento pelos seus pares, enquanto declamadora, aos poucos, foi deixando os salões.

Os intelectuais e literatos como Alberto de Oliveira, Nestor Victor, Coelho Neto, Hermes Fontes, Clóvis Beviláqua, João Ribeiro, entre outros, todos admiradores e amigos de Laura, apesar de brilhantes, eram porta-vozes, segundo Octávio Brandão, de posições ideológicas consideradas burguesas³⁵. Autodidata obsessivo, Brandão foi também conhecido pelas polêmicas que causou, e não foram poucas as divergências registradas por todos os lugares onde passou. É muito provável que esta tenha sido uma das razões pelas quais, aos poucos, ela tenha se afastado definitivamente do ambiente literário. Ela, que até então fazia parte de uma elite intelectual, que havia se firmado na sociedade patriarcal como mulher e conquistado, pelo seu talento e personalidade, respeito e visibilidade, depois que encontrou Octávio Brandão saiu deste universo e se envolveu com um mundo considerado marginal e obscuro, o dos comunistas³⁶.

Por esta ocasião, Alberto de Oliveira, num encontro com Brandão, na Livraria Alves, à rua do Ouvidor, constatando que há tempo Laura nada publicava, alertava:

*"Não deixe emudecer a grande voz de Dona Laura."*³⁷

³⁴ BRANDÃO, O. *Op. cit.*, Pasta 120, p. 100.

³⁵ Idem, *ibidem*, Pasta 120, p. 140.

³⁶ Marginal do ponto de vista do universo social em que até então vivera. No entanto, no período, do ponto de vista de partido de esquerda, era o que existia como perspectiva de intervir no destino da Nação.

³⁷ BRANDÃO, O. *Op. cit.*, Pasta 120, p. 59.

Mas ela própria já pressentia que a poeta estava morrendo desde 1919, quando escreveu o poema "Aurora e Poente", dedicado ao companheiro:

*"E se eu fosse feliz?... De vez em quando,
Agora
Me ponho
A imaginar, fico pensando
Desde que me surgiste
Inesperadamente
No triste
Poente,
Sem matizes, do meu sonho,
Como uma exuberante aurora
Colorida
Que me exalta a reerguer o meu Dia da Vida!"*

*A minha vida é bem meu livro derradeiro
A tua vida é como o teu livro, uma estréia!
O teu primeiro livro, a mais justa esperança
Dos livros que hão de vir, glorificando a idéia
Do Futuro-Maior que o teu valor alcança!*

*Quando nasceste
Eu já sabia ler... e estréias a tua arte
Quando eu acabo na minha arte neste
Contraste há luz que chega e luz que parte...
O teu Dia começa, o meu Dia termina:
Teu Sol levante! minha Estrela Vespertina...
E se eu fosse feliz?...E se ressuscitasse
O meu dia que morre em teu dia que nasce?..."*

Octávio, concordando que os caminhos de Laura a partir de então estavam submetidos ao seu destino, respondeu com o poema "Reflorir":

*"Sol poente de hoje é o sol nascente de amanhã
Toucando a serrania, o valado, a rechã.*

(...)

Sabes que é ser esposa, o amor, de um homem como eu?

*Poderás ressurgir. Mas a ressurreição
Será grito de guerra e pean de redenção*

*Se te sentes com força, eleva-te à Montanha
Vem comigo, a abraçar a minha alma tamanha."*

Sua voz não emudeceu. No entanto, mudou de tom. Assim, passou a ser ouvida nas ruas, nas praças, no plenário da câmara municipal do Rio de Janeiro, nos sindicatos e nos comícios. E mesmo que a militância comunista tenha imprimido uma armadura em seus poemas, a poeta ressuscitou várias vezes: no exílio, quando a saudade e os sentimentos de cidadã brasileira falaram mais forte, nos momentos de angústia e dor vividos em consequência da guerra, e até no leito de morte, quando o tom militante cede espaço à antiga poeta, que retoma a delicadeza de seus primeiros versos.

Mesmo que sua vida tenha mudado de rumo, sua produção enquanto poeta foi bastante razoável. Ao longo do tempo publicou regularmente nos jornais e revistas da imprensa comercial e operária, além de ter tido quatro livros editados. Sua primeira publicação foi o poema "Relógio" (1910), na revista *Fon-Fon*, Rio Janeiro, com o pseudônimo de Marabá Carioca:

"(...)

*Onde o tempo, esboçando várias
cores, buscas em vão,
mitigar a infinita sede (...)*

*relógio, livro inédito da vida,
ao tempo e pelo tempo, desfolhado
- numa constância ingrata e dolorida."*

O *Correio da Manhã*, em 1913, publicou na primeira página seu poema "Homem": "... quem desanima o raro ideal profana..." Na seção "As Nossas Poetas" da revista *Fon-Fon*³⁸, agora devidamente identificada, inclusive através da publicação de uma foto, anunciava: "A jovem poeta Laura da Fonseca e Silva, tão modesta quanto talentosa, de quem publicamos seu lindo soneto "Visão":

*"Desde que comecei a fazer versos,
Há uma boa visão que me acompanha:
Olhos profundos de uma cor estranha,
Ao céu, erguidos, ou no mar, imersos.*

*Colhe sons, luzes e aromas no ar, dispersos
Para brindar-me pela dor tamanha
Diz, prometendo a paz nesta campanha,
Que os grandes males tem grandes reversos!
E ela, a boa visão, num gesto ledado,
Respondeu-me em dulcíssimo segredo
Até acabares de fazer poesia!"*

Os olhos da poeta continuaram por muitos anos atentos aos sons, luzes e cores. Com a lente de poeta via o mundo e registrou suas visões em livros: *Poesia* (1915), *Imaginação* (1916), *Meia Dúzia de Fábulas* (1917) e *Serenidade* (1918)³⁹. Embora Laura não seja, hoje, quase um século depois, uma poeta conhecida entre nós, não se pode dizer o mesmo em seu tempo - quando eram raras as mulheres literatas e que enfrentavam

³⁸ *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 08.03.1913.

³⁹ Fundo Octávio Brandão, AEL/IFCH/UNICAMP. Pasta "Poemas". Os quatro livros foram impressos no Rio de Janeiro, sem editora.

dificuldades para se fazerem respeitar. Sua produção no período foi, sem dúvida, um sucesso.

3. CONSOLIDANDO A VISIBILIDADE CONQUISTADA

Talvez Laura tenha mesmo aprendido a fazer-se de "surda" às regras impostas às mulheres. Atravessou o mundo com paixão e viveu sem nenhuma cerimônia na defesa das bandeiras em que acreditava. Segura e serena, já estava com quase trinta anos e ainda continuava solteira, o que, para a época, era considerado um demérito.

Havia, no entanto, conquistado espaço no mundo das letras e independência financeira exercendo o magistério. Não é difícil imaginar que ela discutisse com o escritor José Oiticica, com quem mantinha relações de amizade, os artigos que ele escrevia para a revista anarquista *Vida*. Em um dos artigos, Oiticica argumentava que o verdadeiro feminismo deveria propor que a mulher tivesse uma profissão que lhe desse independência econômica e, portanto, a liberdade. Argumentava, ainda, que a mulher duplamente explorada - pela sociedade e pelo homem - ficava impedida de exercer livremente sua vontade e que suas ações eram controladas. Insistiam, segundo Oiticica, em mantê-la na ignorância, não percebendo que era ela quem educava os filhos e, portanto, deveria ser bem instruída⁴⁰.

Sufragistas, anarquistas, socialistas, católicas. Opiniões e posturas diversas marcavam o debate sobre a questão feminina na sociedade brasileira. Não consta que Laura tenha participado de maneira organizada de nenhum grupo ou associação feminista. No entanto, sua postura a aproximava das posições anarquistas, inclusive pelo relacionamento próximo que mantinha com Oiticica e das relações de amizade com Maria Lacerda de Moura. E ela não ficou fora do debate instaurado no período. É possível que tenha começado por aí seu caminho em direção à militância

⁴⁰ OITICICA, José. *Vida*. Rio de Janeiro, 31.12.1914, p. 6 e 31.01.1915, p. 4.

política. Com a publicação de seu livro *Meia Dúzia de Fábulas*, em 1917, deliciosamente desmascara o falso moralismo em relação às mulheres e, de forma divertida e irônica, explicita uma visão política tecendo sua representação da sociedade: Na fábula "Sociedade Protetora", por exemplo, a história é sobre um terreiro, onde as galinhas, com seus pintinhos e frangas amargam a "sobra da miséria", provocada pelo luxo das marrecas. Decide-se então, no terreiro, criar uma Sociedade Protetora do "sexo fraco", com a ajuda dos patos - jornalistas - que promovem grandes festas para arrecadar dinheiro. No final, a "marreca mor" é eleita presidenta da sociedade.

Certamente, sua crítica foi dirigida aos valores inquestionáveis que são insistentemente trabalhados na imprensa da época com o objetivo de "moldar" a sociedade de acordo com seus princípios de verdade. Laura responsabilizou o sistema econômico e social pela miséria e pelo luxo de poucos. Por fim, denunciava os "jogos políticos" quando concluiu que a "marreca-mor" foi eleita presidenta. Segundo Octávio Brandão, a publicação desta fábula resultou no fechamento de uma associação criada por damas cariocas, que tinha como objetivo "proteger" a mulher. Por outro lado, foi um escândalo, principalmente por ter sido escrito por uma mulher. Algumas filhas de famílias "respeitáveis" foram proibidas de ler seus poemas⁴¹. É provável que as "marrecas" da sociedade, que dirigiam as tais entidades femininas direcionadas à filantropia, tenham se sentido atingidas e patrocinado alguma campanha de boicote ao que Laura escrevia.

Sua crítica à hipocrisia em relação à moral sexual foi descrita em "Temporão", outra fábula. A filha da viúva Raposa casou-se, mas teve uma criança seis meses e meio depois do casamento. O macaco, que era médico parteiro foi chamado e calmamente tranqüilizou a pobre viúva porque estava acostumado a ver casos ainda mais "extraordinários": nascerem crianças com quatro meses! Assim como em "Más Línguas", é posta em dúvida a paternidade de uma criança. Laura satiriza, dizendo que seja filho de quem for, sendo filho natural, legítimo será. Em "Praga Feminina", critica a vaidade dos galos que desprezam as galinhas

⁴¹ BRANDÃO, O. *Op. cit.*, Pasta 120, p. 55.

inteligentes e independentes que vivem a cantar, salientando que o destino delas é contentarem-se com o canto da galinha d'angola: estou fraca, estou fraca, estou fraca... Roga uma praga e sobre os galos presunçosos cai toda uma série de desgraças ridículas.

Nestas três últimas fábulas, critica a postura masculina machista que cultuava a imagem da moça recatada, como símbolo de honestidade, e a ordem patriarcal que alijava as mulheres da vida pública em todas as esferas, confinando-as na dependência emocional e financeira, primeiro do pai e, depois, do marido⁴².

Em relação à moral sexual vigente, parece concordar com Maria Lacerda de Moura quando esta escreveu:

*"A imoralidade não está no amor fora do casamento, está no casamento ou nas uniões livres fora do Amor."*⁴³

Ao lado das anarquistas, Laura, em suas fábulas, dá-nos pistas sobre como se sentia diante do puritanismo imposto às mulheres "de família" e defende o rompimento das tradições seculares da dependência feminina. Neste sentido, derrubou barreiras vivendo sua vida de acordo com suas escolhas e concepções; ousou ser dona de sua própria história.

Se poucas mulheres no começo deste século tiveram uma atuação na vida pública, Laura se destacou como uma mulher poeta e comunista, que não aceitou a praxe da passividade feminina nas lutas sociais e políticas. Na medida em que conhecemos seus sonhos e sua batalhas, ela se torna nossa contemporânea - uma mulher que acreditava firmemente que a felicidade pessoal poderia ser conquistada sem sacrificar a vida pública, e cuja luta por uma vida pessoal e pública foi árdua, obstinada e nem sempre recompensadora.

⁴² Sobre este assunto, ver BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985 e RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 74-83.

⁴³ MOURA, Maria Lacerda. *Religião do amor e da beleza*. São Paulo, Typ. Condor, 1916, p. 103.